

## Seção Dissertações e Teses

### **APRENDER A (CON)VIVER: O AFETUAL NA APRENDIZAGEM** <sup>105</sup>

#### **LEARNING TO LIVE AND LIVE TOGETHER: THE AFETUAL IN THE LEARNING**

Luzia Ferreira Pereira Enéas<sup>106</sup>

Cada vez mais se avança nas descobertas científicas e tecnológicas, que mudam o estilo de vida e o comportamento das pessoas. A crise do sentido da objetividade, já prefixada nas descobertas da física quântica no início do século XX, alerta para a necessidade de um conhecimento construído a partir de uma visão global, multidimensional e complexa. As ciências da complexidade presumidas por Ilya Prigogine apontam para um pensamento que religue saberes, estabeleça diálogo entre sujeito e objeto, indivíduo e sociedade, razão e emoção, real e imaginário, ciência e literatura.

A presente dissertação caminha num fluxo, talvez, equivalente ao fluxo da vida de qualquer indivíduo na sociedade, do ponto de vista de aprender. Ela nasce através da observação das emoções, das ações e dos comportamentos das crianças em situações diferentes. Enquanto professora de educação infantil, durante dez anos, sempre atuei na turma de alfabetização. Essa experiência e o contato com o pensamento de autores como Humberto Maturana, Edgar Morin, Ilya Prigogine e outros, esclareceram questões importantes sobre as emoções no desenvolvimento da aprendizagem.

Em termos de vivência, a criança está em constante processo de construção, renovação; dessa forma, o ensino/aprendizagem não se revela em

---

<sup>105</sup> Dissertação de Mestrado, defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) UFRN, 2002.

<sup>106</sup> Graduada pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (1994), mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2002). Professora efetiva no departamento de Educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino-aprendizagem, emoção, educação, cultura e relações humanas.

conceitos e noções pré-estabelecidas, mas se expressa nas descobertas, nas palavras, nas ações, nas emoções que a criança utiliza na compreensão do mundo, de si mesma e do outro. Trata-se de compreender o ensino/aprendizagem a partir da criatividade, da imaginação e da emoção que as crianças possuem. Há a necessidade de incorporar, aos conteúdos objetivos da escola, o cotidiano da criança. A relação ensino/aprendizagem precisa voltar-se para uma visão mais totalizadora, menos racionalizadora, mais aberta, tomando como fator determinante, dessa relação, a emoção do amor.

A dissertação é uma tentativa de fazer uma ciência que rejunte saberes, religue realidades, tecendo com isso uma unidade discursiva sobre a temática em foco. Para tanto, as ideias de autores comprometidos com uma nova ciência serviram de suporte cognitivo de leitura e reflexão. Além disso, recorreremos à obra literária e ao cinema, como recurso de leitura e compreensão mais metafórica no processo ensino/aprendizagem.

Dessa forma, é pertinente uma concepção que possibilite uma relação mais dialógica com a criança e sua aprendizagem de modo geral. Enfim, ser mais um raio de sol na construção de um "*novo estilo de ciência e do fazer pedagógico*" (Almeida, 2001).

## **A AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM**

A primeira parte refere-se ao relato de experiências como educadora. Não há aqui saberes que se sobreponham a outros. O que aqui se verá é a expressão viva do prazer que o diálogo produz. O que caracteriza toda esta dissertação é o caráter afetivo que permeia a relação entre ensino e aprendizagem.

A discussão sobre a importância da afetividade na aprendizagem foi suscitada por um desejo fundamental de investir numa nova forma de relação entre ensino e aprendizagem, capaz de tratar a criança em toda sua complexidade e dimensão, sobretudo a partir das emoções. As crianças são, por natureza, mais expressivas, mais emocionais, como diria Lévi-Strauss; ao

contrário dos adultos, que já estão com o pensamento mais domesticado, frutos de uma educação que ensinou a superestimar a razão, a técnica, a ação e a praticidade.

A experiência vivida como professora mostra que o amor exerce uma força sem limites na vida de qualquer ser vivo. O amor é a emoção básica que fundamenta as relações sociais, "(...) *as emoções são disposições corporais que determinam ou especificam domínios de ação*" (1998 b.) Segundo Maturana, "*99% do mal-estar civilizacional são condicionados por falta de amor*". É através do amor que será possível a construção de um mundo melhor e o ensino/aprendizagem será uma das ferramentas utilizadas nessa construção.

Em 1992, iniciamos uma longa trajetória no Colégio Lírios, uma instituição de educação infantil e ensino fundamental, situada em Mossoró-RN, no conjunto Liberdade II, exercendo a função de professora da turma de alfabetização. Foi um período fascinante, cheio de conflitos, medos, certezas e incertezas. Um universo cheio de 16 crianças, a maioria com apenas seis anos de idade, que esperavam ansiosas para conhecer aquela que iria ensiná-las a ler e escrever. Foram observadas as dificuldades, os anseios, as frustrações e desejos, refletidos nos olhos daquelas crianças.

As turmas de alfabetização são consideradas a base de formação cognitiva, requerendo das crianças uma dedicação maior. A escola, como instituição de ensino e *transmissora da cultura*, envolve as crianças num processo de socialização e adaptação. Quem não consegue ou não quer adaptar-se é considerado deturpador da ordem e tende a ser punido. Em cada sala de aula há um universo plural de seres possuídos e possuidores de singularidades e histórias de vida diversas, precisando-se (re)inventar o ensino/aprendizagem, a partir do pressuposto de que a objetividade dos conteúdos não é suficiente.

Na escola, desde cedo, aprendemos que somos animais racionais porque pensamos, e a emoção, o medo, o desejo, o prazer, o sonho, a dor, o afeto e o amor devem ser suprimidos porque todos esses sentimentos

constituem atributos de comportamentos irracionais. É preciso *redescobrir os caminhos* que nos levam ao encontro com o subjetivo, ainda que a metodologia utilizada para a aprendizagem seja *coisificada*, fragmentada.

A educação precisa enfrentar o desafio de encarar as cegueiras do conhecimento, tentar criar um conhecimento pertinente, ensinar a condição humana, ensinar a identidade terrena, enfrentar as incertezas, construir uma ética do gênero humano e o ensino da compreensão como fundamental. São estes os sete saberes necessários à educação do futuro, apontados por Edgar Morin (2000), devendo a escola, além de tentar desenvolver uma educação voltada para a construção de uma mente estimulada para o raciocínio lógico, considerar as potencialidades da criança.

A criança deve ser vista e compreendida em sua pluralidade, complexidade e unidualidade, ou seja, como um ser dotado de razão e afetividade. A incompreensão e a falta de aceitação, por parte da escola, podem fazer com que a criança sinta-se num ambiente estranho e não em sua plenitude, não possuindo interatividade com ambiente escolar.

Na dinâmica do seu ser, a criança é dotada de afetos, sonhos, desejos, emoções, sensações e fantasias. Utilizando as palavras de Morin, "(...) *a importância da fantasia e do imaginário no ser humano é inimaginável*" (2000). A relação entre ensino e aprendizagem deve ser fundamentada no imaginário dos sonhos infantis, abraçando, olhando, falando, ouvindo e amando aqueles que são os cidadãos planetários: as crianças. O ensino/aprendizagem deve ser pensado num movimento contínuo de relação interativa, efetuando-se espontânea e gradativamente.

Para melhor entender as crianças, inseridas na realidade de seu mundo circundante, com seus conflitos, uma experiência diferente foi desenvolvida, através de atividades que possibilitassem uma maior aproximação com as crianças, permitindo conhecer a sua realidade, assim como também as relações existentes em suas famílias. A turma era muito agitada; dessa forma, exigia um redirecionamento das atividades.

A simples despadronização das cadeiras, as conversas, brincadeiras e até mesmo o desenvolvimento das atividades ganharam um ar de satisfação maior; não foi algo de imediato, mas gradativo.

O compromisso com a aprendizagem nos levou a enfatizar em igual medida tanto o conhecimento das disciplinas como todos os outros aspectos que compõem a dimensão social e pessoal do educando; não devemos valorizar um em detrimento do outro. Ambos os saberes, objetivo e subjetivo, equivalem-se no desenvolvimento da aprendizagem. São lições de vida que trilham por caminhos diferentes, mas que se cruzam e se complementam, pois a existência de um depende da existência do outro.

As diferenças individuais são inerentes à natureza humana, caracterizam a personalidade, as ações, as sensações e as emoções. O segredo está em atribuir às ações o prazer, o gostar, o amar. Sendo assim, somos seres unos, singulares, específicos, mas, ao mesmo tempo, complexos e plurais. Não conseguimos viver isolados e buscamos sempre o diferente, o oposto, o desconhecido, para alimentar e dar vida às emoções que afloram em nosso ser. Na relação entre ensino e aprendizagem, acontece de forma semelhante: aquilo que não desafia não tem encanto, aquilo que desafia é extremamente envolvente.

O amor faz a diferença em qualquer relação, tornando-a agradável e satisfatória. Como ilustra muito bem Kamper (1998), (...) *o amor é um esforço permanente (...)*, contínuo e muitas vezes doloroso. Sem a emoção do amor nada faz sentido; é com paixão que movemos nossas ações.

É provável que estejamos diante do que Kamper chamou de *a quitessência* do amor. O amor que nascera para respeitar, para doar-se quando somos envolvidos por ele, pois o amor *transforma as energias humanas cada vez mais em energias espiritualizadas* (Kamper, 1998).

A fórmula da construção pertinente está numa dosagem certa da razão e emoção que o conhecimento necessita. Esse entrelaçamento permite-nos compreender, encontrar respostas para o bloqueio da criança na aprendizagem. Não podemos esquecer que os mistérios que envolvem o

aprender são necessários, são estimulantes e desafiadores. É esse misterioso movimento do ensinar e do aprender que torna a relação entre ensino e aprendizagem um verdadeiro exercício de um pensamento construtor e complexo.

Essa busca no processo de conhecimento desenvolve a capacidade das crianças para atividades que lhes pareçam adequadas a sua individualidade. Quando oferecemos diferentes atividades ou quando perguntamos o que querem fazer, apresentamos a possibilidade de fazerem o que de fato representa algum significado.

As lições da relação ensino e aprendizagem, desenvolvidas com amor, aprende-se todos os dias nas relações simbióticas, dialógicas entre as partes envolvidas. Transitando de um polo ao outro, estaremos descobrindo e redescobrimo o conhecimento e o prazer dentro de uma perspectiva aberta e livre. Essa liberdade deve ser entendida como uma construção em que interagem a criança, o professor, a escola e a família. Tal interação deve ser tomada como um construtor que possibilita a junção de força, criando e recriando espaços novos para tornar o ambiente escolar agradável.

A construção de uma sociedade mais humana perpassa o desafio de educar as crianças para agirem por via da emoção e do amor. A transformação da sociedade começa com a transformação do ser e vice-versa. O caminho para um mundo melhor está na educação das crianças. A aprendizagem ocorre, como Maturana (1998 b) destaca, através de (...) *uma transformação contingente com uma história no conviver(...)*.

Essa maneira de promover o ensino/aprendizagem fornece o suporte para a observação das dificuldades a partir do aprender a lidar com seus entraves, conhecendo bem a sua natureza. Com o passar do tempo, essa convivência *prepara o terreno para que brotem soluções (...)* (CANEPA, 2000).

## **VISÃO DA LITERATURA DO CINEMA**

Na segunda parte, fazemos uma ampliação da questão da emoção como estruturantes das relações por um outro registro da cultura: o registro da literatura e do cinema. Na literatura escolhemos o romance *Meu Pé de Laranja Lima*, de José Mauro de Vasconcelos, por fazer uma reflexão dos sofrimentos e emoções vividos por uma criança com apenas seis anos de idade. O filme *Central do Brasil*, dirigido por Walter Salles permitiu uma maior plasticidade na compreensão da aprendizagem do conhecimento a partir das relações interativas fundamentadas na emoção do amor. Aqui se revela, de forma mais imaginal, a operacionalidade da realidade permitindo construir ou assentar a criança na sua condição de ser criança, ao mesmo tempo no limite que passe de um lado para o outro, entre a emoção e a razão, porque não vale apenas fazê-la prisioneira, mas mantê-la eternamente criança.

### **CRIANÇA, EMOÇÃO E AÇÃO**

A literatura é uma das leituras profundas da condição humana e é o que concebe Edgar Morin (2000), no livro *A cabeça bem-feita*. Portanto, pode ser uma outra forma de compreensão onde razão/emoção, objetividade da vida e vida subjetiva se amalgamam na tessitura do drama, do ser, da vida, das ideias, da cultura, do existir humano.

Entre algumas obras literárias, *Meu Pé de Laranja-Lima*, de José Mauro de Vasconcelos, é emblemático. A escolha não se deve somente pelo relato que ele faz da vida de uma criança que aos seis anos de idade já conhece um mundo de pobreza, solidão e desajuste social, mas também pelo prazer e pela satisfação que a leitura nos proporciona. A leitura dessa obra nos faz mergulhar profundamente no imaginário de Zezé.

Zezé é um menino especial, que revela seus sonhos e desejos por meio de conversas com o seu pé de laranja-lima, encontrando na fantasia a alegria de viver. Nessas conversas, ele refazia suas emoções. Peralta, esperto e inteligente, com muita facilidade, aos cinco anos de idade, aprendeu a ler sozinho, causando perplexidade em todos. O garoto buscava nos sonhos o

alívio para a dor e a tristeza da sua difícil realidade. Era na sua imaginação e na capacidade de criar esse mundo de fantasia que dava vida e sentido aos seus desejos.

Era nesse espaço de sonho e de imaginação que enchia Luiz, seu irmão mais novo, de ilusões, ajudando-o a superar as dificuldades provenientes da falta de emprego do pai. Para fazer o irmão feliz, Zezé não media esforços e o seu amor por ele era mais forte, como, por exemplo, quando pega o seu cavalinho Raio de Luar e dá de presente de Natal para Luiz.

O Natal é época festiva e chega sempre com a perspectiva de as crianças ganharem presentes. Para uma criança pobre, a ilusão e a prática de colocar o sapatinho na janela na noite de Natal, esperando amanhecer com um presente, é tirada desde cedo. Crianças como Zezé e seu irmão conhecem a dor e a revolta de ver tão precocemente suas ilusões indo embora. As suas palavras são a expressão viva da dor quando diz: *como é ruim a gente ter pai pobre!...* (Vasconcelos, 1968).

Ao perceber que seu pai ouvira, que o havia machucado ainda mais, caiu em desespero. Estava claramente expresso nos olhos de seu pai a angústia e o sentimento do nada. Atordoado pelas acusações de Totoca e a lembrança dos olhos do seu pai o olhando, Zezé sente vontade de agarrar-se às pernas do pai e pedir-lhe desculpas. Mas, é tomado por uma emoção mais forte. Encontraria uma outra forma de aliviar seu sofrimento. Passaria o dia de Natal engraxando sapatos para comprar um presente para seu pai.

Como era Natal, seria difícil encontrar alguém para engraxar os sapatos. A persistência e determinação de Zezé atestaram os atributos e potencialidades de quem acredita no improvável, de quem vê nos sonhos uma possibilidade de realização. Zezé é visto por todos como mal, ruim; um garoto que não presta para nada, sem coração. No entanto, guarda dentro de si sentimentos de afeição, capazes de transformá-lo, estimulando-o a um gesto dessa natureza. É por isso que é preciso entrar no mundo de uma criança para entendê-la. É preciso entender uma criança para que não se torne um adulto amargurado. Somente entendendo-a, compreenderemos como é difícil para

uma criança conviver numa sociedade dualista e adestradora. De um lado, estão as crianças que olham o mundo como possibilidade de realização; e de outro, aquelas que veem o mundo como limite de realização.

Desse modo, a compreensão do universo, da natureza de uma criança precisa permitir um espaço de liberação do imaginário, da emoção, do deixar fluir as angústias e a satisfação. Quando são oferecidos espaços à criança, ela torna-se capaz de criar seu próprio mundo e se (re)criar dentro de um universo de pobreza, de falta de afeto, de solidão. A trama do romance revela o drama de Zezé. Mesmo com tantas características ruins, atribuídas por todos e dentro de sua tristeza por ter um pai pobre, impossibilitado de lhe proporcionar algum conforto, foi à luta, guiado pelo amor e pelo desejo de dar a seu pai um pouco de alegria.

O comportamento de Zezé, como o de todas as crianças, é influenciado pela emoção e desejo de descobrir e realizar os seus sonhos através da imaginação criativa ou ativa, como fala Bachelard (1994) em sua obra *O direito de sonhar*. Se para uns, Zezé era uma criança malvada e ruim, para outros, era uma criança adorável e inteligente. Nitidamente Zezé não é uma realidade da qual não se possa questionar, mas sua determinação e suas qualidades dependem do espaço e momento em que esteja. Os momentos, os espaços, as circunstâncias dizem muito sobre o comportamento das pessoas; influenciam também relações de ódio e amor, compreensão e incompreensão; podem despertar revoltas, paixões e solidariedades como aconteceu com Glória, irmã de Zezé, que se tornou solidária e defensora do irmão, por compreender a má compreensão que os outros faziam de seus atos.

A ida à escola era um momento de grande ansiedade. *“E vieram as novidades. As brigas. As descobertas de um mundo onde tudo era novo”* (Vasconcelos, 1968). A escola representa um outro universo, gera outras percepções, reintroduz a criança em outro ciclo de relações sociais. Assim, Zezé adquire outro comportamento; seu interesse e curiosidade o faziam se destacar dos demais.

Crianças como Zezé têm seu comportamento guiado, sobretudo, pela emoção e pelo amor á vida, pelo desejo de ir para além dos limites de seu mundo. Mesmo sendo, por todos chamado de diabinho, na escola era o anjinho de sua professora D. Cecília Paim. De todos os alunos da sala somente Zezé se preocupava com o jarro sempre vazio de Cecília.

A flor que faltava no jarro e que Zezé, a partir de agora, não deixaria mais vazio, era o símbolo de reconhecimento, valorização, cumplicidade, solidariedade; símbolo realimentador da relação do amor. O amor não é fruto exclusivo da contemplação do belo, mas aquilo que torna belo, o que não é através disso tudo, bem como do envolvimento, da abertura para o outro, da doação de si e da arte de (com)viver com o diferente numa relação de prazeres e aprendizagens. Preocupar-se com o outro, como a professora se preocupava com o seu aluno, é uma manifestação típica de uma relação fundada pela emoção do amor.

Outro momento que expressa a mudança de comportamento de Zezé é o encontro com o português Manuel Valadares. No primeiro instante provoca revolta e raiva em Zezé por perceber naquele homem a dor e a humilhação. Como ele mesmo relata: *“Uma revolta cruel veio surgindo dentro do meu peito e eu não consegui responder com raiva...”* (Vasconcelos, 1968).

Mas algo acontece para mudar essa situação e também os sentimentos de Zezé em relação ao Português. Zezé se fere e com muita dor é acolhido pelo Português que lhe oferece todos os cuidados e carinho. A dor pode ser aliviada pelo conforto, pelo carinho e amor, como aconteceu com Zezé ao reconhecer um coração sensível e caloroso no Português. A partir desse momento, surge sentimentos de respeito e admiração mútuos. É pertinente, portanto, a ideia que somente o amor tem em si o poder de transformar o ser humano. É somente através dele que poderemos rejuntar vida e arte, razão e emoção. Nesse sentido, a atitude dos personagens diante de si e do outro revela a tentativa de abrir-se para o abraço, num encontro do corpo com a alma. Os personagens, a partir daquele momento, privilegiam a inclusão em vez da exclusão e, num só pensamento, assumem uma postura construtiva

selando a mudança em suas vidas. A mudança que se opera em Zezé é evidente: não só aceita como passa a sentir necessidade da presença do Português em sua vida. Agora não tinha só Minguinho, criação de sua imaginação, mas também o Português.

O diálogo entre os personagens expressa um fortalecimento do que antes já havia sido construído. Na construção imaginária de Zezé, o Português ocupou um espaço de significação, era novo olhar que recaía sobre ele. Neste sentido, o olhar torna-se necessário na prática do abraço. Nem sempre amamos tudo que olhamos, mas certamente só abraçamos o que o olhar ama. Por isso, é preciso tirar os antolhos dos olhos (Maturana, 1998 b), para a construção de um pensamento que caminhe em todas as direções. Um pensamento que enxergue a beleza da imaginação, da criação, da arte, da vida, da realidade e, sobretudo, de si mesmo e do outro. O que dá vida e forma às atitudes de Zezé é a sua capacidade de acreditar que apesar de todos os obstáculos, que a vida lhe impõe, ele conseguirá superar.

A maneira imaginária de ver as coisas demonstra um amadurecimento precoce. O desalento por acreditar que seu pai não o ama o faz decidir matar seu pai em seu coração. No entanto, quando se refere ao Portuga envolve-se numa relação de amor e cumplicidade e quando fala sobre ele demonstra afeto e carinho, pois o Portuga era a única pessoa de que gostava.

Quando Zezé se vê diante da perda do seu *Pé de Laranja-Lima* e do Portuga, perde a vontade de viver. Sente nesse momento a dureza do mundo de ilusão e fantasia se desfazendo. Via-se perdendo seus sonhos. Perdera também a vontade de viver, mas numa mistura de emoção volta-se para dentro de si mesmo, resgata-se e volta à vida. Mas como *era difícil recomeçar tudo sem acreditar nas coisas*. Porém, os ferimentos saram com o tempo, ficando apenas as cicatrizes, e o que antes parecia uma dor insuportável toma outra forma: a forma de uma doce saudade, porque do mesmo modo que existe a dor pela perda de quem amamos, existe um ardente desejo de um dia poder reencontrar alguém capaz de reacender mais uma vez o brilho em nossos olhos, ou seja, nossas emoções. Um exemplo disso está nas próprias palavras

de Zezé: (...) *A vida sem ternura não é lá grande coisa. Às vezes sou feliz na minha ternura, às vezes me engano, o que é mais comum.*

### **A DURA PARTILHA DA VIDA**

O filme *Central do Brasil* (1998), produzido por Elisa Tolomelli e dirigido por Walter Salles, é comovente e emocionante. O filme narra o envolvimento de Dora (interpretado pela atriz Fernanda Montenegro), professora aposentada que escreve cartas para analfabetos na Estação Central do Brasil, com Josué uma criança de nove anos de idade (interpretado pelo ator Vinícius de Oliveira), que perde sua mãe atropelada por um ônibus na saída da Estação.

Dora e Josué retratam a vida real no seu aspecto mais duro, aprendendo um com o outro na convivência com a mentira, a esperteza e a descoberta de afeto. Nesse filme, a força da emoção do amor e do ódio toma lugar num entrelaçamento na construção de uma estética de vida. A trama sintetiza toda a problemática da aprendizagem, a qual não se dá somente na escola, mas, sobretudo, no convívio com o outro, envolvendo o sensível com o racional. É nessa teia de relações e envoltimentos que as emoções se constroem na medida em que as relações entre personagens se fortalecem mutuamente.

*Central do Brasil* expressa a dimensão gradual na construção do conhecimento necessário para a sobrevivência do que pode ser chamado o lado mais objetivo, visível e sensível da vida. Não obstante, toda objetividade na qual Dora e Josué estão inseridos é articulada pela dimensão emocional necessária ao processo de aprendizagem. Dora e Josué traduzem e vivem diferentes aspectos das relações sociais.

Dora sintetiza traços e caracteres de mulher inteligente, ativa, hábil, sensível, esperta... Mesmo depois de aposentada, tornou-se, como diz Josué, *escrevedora* de cartas para ajudar no orçamento da casa. Josué, criança marcada pelas duras experiências da vida, ainda preserva seu lado sonhador, inteligente, observador, amável... O imaginário da criança é muito forte. Ideais, crenças e sonhos alimentam a vida do homem. É assim que Josué consegue, em meio às dificuldades da vida, alimentar o sonho do encontro com seu pai.

Unidos pelas circunstâncias, Dora e Josué compartilham experiências, aprendizagens e emoções juntos pelos caminhos da vida. Na verdade, são “semelhantemente diferentes”, para usar as palavras de Moura (1995). A relação dos dois torna-se emblemática. A objetividade de Dora e o lado sonhador de Josué se complementam na relação estabelecida entre eles. Trata-se, na verdade, de um encontro da complementaridade dos opostos, como diz Morin.

O relacionamento não é nada fácil, tendo em vista que a princípio nasce entre eles uma emoção pautada na rejeição. Mas, como destaca Almeida, (...) *todo ato de conhecimento é uma construção de um sujeito observador que vê, explica, classifica e qualifica os fenômenos a partir de uma emoção constitutiva fundamental* (Maturana apud Almeida, 2001). Desse modo, o conhecer cria espaços de convivência no momento em que as relações de aproximação se intensificam, permitindo mudanças comportamentais surgidas pela transformação das emoções.

Mesmo diante da perda da mãe e dominado pela dor do desencanto, Josué reage num domínio de emoção de ternura e desolação, impulsionando-o a não perder a esperança de encontrar o pai.

É importante observar que Josué, apesar de estar envolvido pela dor, não fez dela razão para desistir e, sim, tomou a dor para si e como de assalto transformou esta emoção negativa num motivo para impulsionar suas ações. Assim como Morin, que diante da descoberta da perda de sua mãe sente-se motivado a discutir e a tratar de temas como a Morte para, assim, compreender um pouco mais da cultura humana. Segundo Almeida, *uma situação traumática pode se transformar na condição de emergência para um ato criador....*

Josué busca em Dora o suporte que precisaria para enfrentar o longo caminho até estar ao lado do pai. Mas Dora, acostumada com um mundo perverso do *salve-se quem puder*, usa, como diria Almeida, uma couraça para proteger-se da emoção do amor trazida por Josué.

Dora envolve Josué numa negociação entregando-o para um amigo vendê-lo. Mesmo sem ter consciência, Dora já havia se envolvido com Josué.

Arrepende-se e foge com ele. Assim sendo, é possível dizer que a convivência com o outro o transforma de maneira progressiva (Maturana, 1998 b). Foi o que aconteceu com Dora. Nessa perspectiva, o conhecer permite o querer e o querer amplia e reorganiza o processo de conhecer.

Relações mútuas e o diálogo favorecem o conhecimento e o autoconhecimento. Favorecem, portanto, o aprofundamento das emoções. Dora é o retrato de quem já viveu muitas decepções na vida e que, por isso, perdeu a ilusão e o encantamento da sua existência. Josué possui o que podemos chamar de uma visão multidimensional na forma de ver o mundo. Não se afasta nem foge dos momentos de dor, mas cria espaços imaginais e acredita neles.

Os personagens já estabeleceram laços de afetos e cumplicidade que nem o tempo seria capaz de destruir. No encontro ocasional com os irmãos Moisés e Isaías, Josué realimenta sua crença de que um dia o pai voltaria e ele finalmente o conheceria. Momentos de alegria e reflexão apoderam-se de Dora ao ver o garoto brincando com o irmão. Mas, bem lá dentro em seu coração, ela sabe que esta alegria vai ser dosada pela dor da separação de Josué.

Em Central do Brasil, o encontro consigo mesmo só ocorre com o desafio da convivência e do encontro com o outro. O outro é um espelho onde nossa imagem pode ser refletida ou defletida. Essa compreensão é complexa, considerando que o seu reflexo o faz ver todas as suas falhas ou tudo aquilo que poderia ter sido e não foi.

A relação de aprendizado deve, pois, ser entendida como um processo regido por uma orquestra que mesmo composta de tantos instrumentos diferentes, eles não se anulam e sim se complementam formando uma unidade da diversidade, uma sinfônica harmônica. É preciso estimular uma aprendizagem que promova a compreensão dos múltiplos aspectos desse processo, tanto na dimensão objetiva quanto na subjetiva, operando numa perspectiva emocional que abraça o ser vivo como um ser complexo.

## **A VOZ DA NOVA CIÊNCIA**

O terceiro capítulo, intitulado “A voz da nova ciência”, apresenta as ideias de Humberto Maturana que discute a relação razão e emoção, objetividade e subjetividade, numa perspectiva que busca superar a visão dualista do pensamento ocidental. Para ele, a emoção é fator determinante das relações sociais. Diz ainda que, *as emoções não são algo que obscurece o entendimento, não são restrições da razão: as emoções são dinâmicas corporais que especificam os domínios de ação em que nos movemos* (1998, b). Abraçamos ainda as ideias de Antônio Damásio, Edgar Morin, Ilya Prigogine para compreender as relações estabelecidas no desenvolvimento da aprendizagem da criança, plêiade de pensadores que percebem a ciência para além da dicotomia, da redução e da objetividade. A vida, o mundo, o conhecimento são vistos como processos autopoieticos, como sistemas integradores de polaridades diversas, ou como sistemas autoeco-organizáveis. Nesse sentido, a construção de um novo ser, de um novo saber deve integrar as emoções como aspecto fundamental para ampliação, desenvolvimento e operacionalidade da razão.

Damásio, em seu livro *O erro de Descartes*, demonstra como a ausência de emoção e sentimento pode destruir a racionalidade. Utiliza-se das mais recentes descobertas da neurologia, desafia os dualismos tradicionais do pensamento ocidental – mente e corpo, razão e sentimento, explicações culturais – para oferecer uma visão científica do ser humano e sugerir hipóteses inovadoras sobre o funcionamento do cérebro humano.

Dizer que existe um elo de ligação entre razão e emoção, colocando em evidência a relevância das emoções *nos processos de raciocínio não significa que a razão seja menos importante do que as emoções...* (Damásio, 1996), mas que existe uma profunda inter-relação, levando a abandonar a visão cartesiana que separa corpo e mente. Desse modo, para Damásio *pensar e ter consciência de pensar são os verdadeiros substratos de existir* (Damásio, 1996).

A esse respeito, Prigogine, em seu texto *Ciência, Razão e Paixão*, mostra como toda a história do pensamento da ciência se deu a partir de paixões. Desde o princípio de formação da ciência que *o elemento emocional estava bem evidente (...)* (Prigogine, 2001), mas, o final do século XVIII primou pela razão e pela necessidade lógica, negando a possibilidade de uma ciência criativa.

Hoje já se compreende que o sucesso da ciência clássica não se estende mais de forma hegemônica e isso porque novas visões sobre o universo passaram a transformar os diversos campos do conhecimento. *Nossa atual visão do tempo, espaço e matéria têm pouco em comum com a visão de Newton* (Prigogine, 2001). Os novos paradigmas surgem forçando os cientistas a rever suas hipóteses e é nesse momento que as emoções são ativadas.

A herança deixada pelo conhecimento lógico e objetivo do real é inquestionável, porque foram (...) *conquistas do pensar ocidental e, como tais, irrenunciáveis*. (Lourenço, 2000). Entretanto o que se questiona é um conhecimento produzido a partir de uma visão unilateral do real, uma vez que, essa maneira de pensar transforma o racionalismo em racionalização, produzindo uma visão totalizante do universo edificado pela lógica cartesiana.

Apesar de toda influência do pensamento racional ou da racionalização, é pertinente admitir a presença das emoções na construção da aprendizagem, do conhecimento, da ciência. Nesse sentido, a educação deve envidar esforços para rejeitar razão e emoção, pensamento e sensibilidade, bricolando visões e ideias que abraçam o homem e os fenômenos da natureza como dinâmicas complexas na produção de um novo ser/saber/mundo.

Edgar Morin é um pensador que investe nessa perspectiva. Ele introduz um novo olhar e uma instigante reflexão no que se refere às discussões sobre a educação para o século XXI. As bases para a nova educação afastam-se dos exageros da sociedade da informação, fundada na lógica tecnológica, no tecnicismo e na racionalização do saber, do aprender, do fazer. Além disso, essas novas perspectivas educacionais consideram a pluralidade cultural e a diversidade humana, a incerteza, como integrantes do conhecimento, uma

ética das relações humanas em escala ampla e encara a condição humana e a própria cegueira do conhecimento.

Nesse sentido, Humberto Maturana faz uma revisão crítica dos postulados científicos que vêm marcando as Ciências Sociais. A relevância de seu pensamento está intimamente ligada à possibilidade de se estabelecer uma continuidade, um elo, entre o biológico, o social e o cultural. E mais, uma ligação entre objetividade e subjetividade, introduzindo na ciência uma nova proposição para o que seja o social. Em sua concepção, o amor é o fundamento do social. O amor não deve ser concebido como sentimento, mas como uma característica constituinte do sistema vivo. Nesse sentido, o ser vivo é como uma *máquina homeostática*, tendo como elemento de conservação sua própria *autopoiese*. O sistema vivo é, assim, um sistema que possui a capacidade de gerar a si próprio e, simultaneamente, de apresentar-se estável a este processo. Uma vez que sua estabilidade é rompida, o sistema perde sua capacidade autopoética, quebrando-se também a capacidade de autogerar-se. *Por isto, um ser vivo permanece vivo enquanto sua estrutura, quaisquer que sejam suas mudanças, realiza sua organização autopoética, e morre se em suas mudanças estruturais não conserva esta organização* (Maturana, 1998 b).

Tomando como referência os processos do viver, uma *homeotase autopoética*, mostra que o mais incrível e fascinante no conceito de *autopoiese* é a sua natureza *tautológica*, ou seja, a capacidade do ser vivo de permanecer vivo, continuar se reproduzindo, se auto-organizando.

Por isso que na sua longa tentativa de responder às questões de constituição do ser vivo, mostra que as relações de interação só podem ocorrer tendo como base o amor. Para ele, é o amor à emoção básica que singulariza o modo de ser e de viver dos seres humanos. Ao elaborar a teoria da *biologia do conhecer*, argumenta que é através da linguagem que o conversar acontece e é no conversar que as relações de aceitabilidade podem ou não ocorrer.

É evidente que a *biologia do conhecimento*, proposta por Maturana, procura, através de observações, entender o que ocorre com a criança em seu mundo individual, visto que essa é *produto* construído pelo linguajar, para

assim compreender os acontecimentos vividos pela criança em seu meio social. Abordando o ensino/aprendizagem, dessa maneira, ele percebe que esse deve se dar num espaço social, o que permite às crianças mudanças estruturais através das relações humanas. A convivência da criança com o outro a transforma de maneira (...) *progressiva mais congruente com a do outro no espaço de convivência* (Maturana, 1998 b).

Dessa forma, amar é permitir a abertura de um espaço, onde as interações com o outro legitimam sem exigências. É por esse caminho paradigmático e epistemológico que está se abrindo rumo a uma maior reflexão e compreensão da complexidade do ser, da vida, do mundo, do conhecimento e da aprendizagem.

#### REFERENCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição Xavier de. *Biologia social das emoções. Revista Complexidade*, El Salvador Buenos Ares, n. 06, 2001.

\_\_\_\_\_. **Complexidade e cosmologias da tradição**. Belém: EDUEPA; Natal: UFRN/PPGCS, 2001.

\_\_\_\_\_. Educação: saberes e desafios. **Trilhas Revista Científica**, Belém, 2001.

\_\_\_\_\_. Ensinar a condição humana. **Ecos Revista Científica**, São Paulo, 2000.

BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. Rio de Janeiro: Betran Brasil, 1994.

**CENTRAL do Brasil**. Direção Walter Salles. Interpretes: Fernanda Montenegro e Vinícius de Oliveira. Brasil: 1998, 1 fita de vídeo, VHS, son. Color.

DAMÁSIO, Antônio R. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

KAMPER, Dietmar. **O trabalho como vida**. São Paulo: Annablume, 1998.

LOURENÇO, Mário. **Razão e discurso: os católicos e o controle da natalidade**. Petrópolis, Vozes, 2000.

MATURANA R., Humberto. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano.** Campinas Editora PSY II – 1995.

\_\_\_\_\_. **Biologia do fenômeno social.** Porto Alegre: Artes médicas, 1998 a.

\_\_\_\_\_. **Ontologia da realidade.** Belo Horizonte: ed. UFMG, 1997.

\_\_\_\_\_. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte: ED. UFMG, 1998 b.

MATURANA, H. e VARELA, F. J. **De máquinas e seres vivos: autopoiese – a organização do vivo.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MOURA, Maria da Conceição de Almeida. Esse ancestral homem moderno. **Revista Odisséia.** Natal, n. 2-3, p. 167-174, mar/out.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 2. ed. São Paulo: Cortez: Brasília, UNESCO, 2000.

\_\_\_\_\_. **Amor, poesia, sabedoria.** Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 1998.

\_\_\_\_\_. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 2000.

PRIGOGINE, Ilya. **Ciência, razão e paixão.** Belém: EDUEPA, 2001.

VASCONCELOS, José Mauro de. **Meu Pé de Laranja Lima.** São Paulo: Editora Melhoramentos, 1968.